



JOELHO

#06

A QUESTÃO DO PATRIMÓNIO / THE BUILT HERITAGE DEBATE

—
Coordenação:

Jorge Figueira

Rui Lobo

Adelino Gonçalves

Gonçalo Canto Moniz

*Rede PHI Património
Histórico+cultural Ibero-
-americano*

Alexandre Alves Costa

Ana Tostões

Ana Vaz Milheiro

Carolina Castañeda López

Fátima Fernandes

Flavio Carsalade

João Cabeleira

Joaquín Ibáñez Montoya

Madalena Pinto da Silva

María Estévez de Gamón

Maryan Alvarez-Builla

Gomez

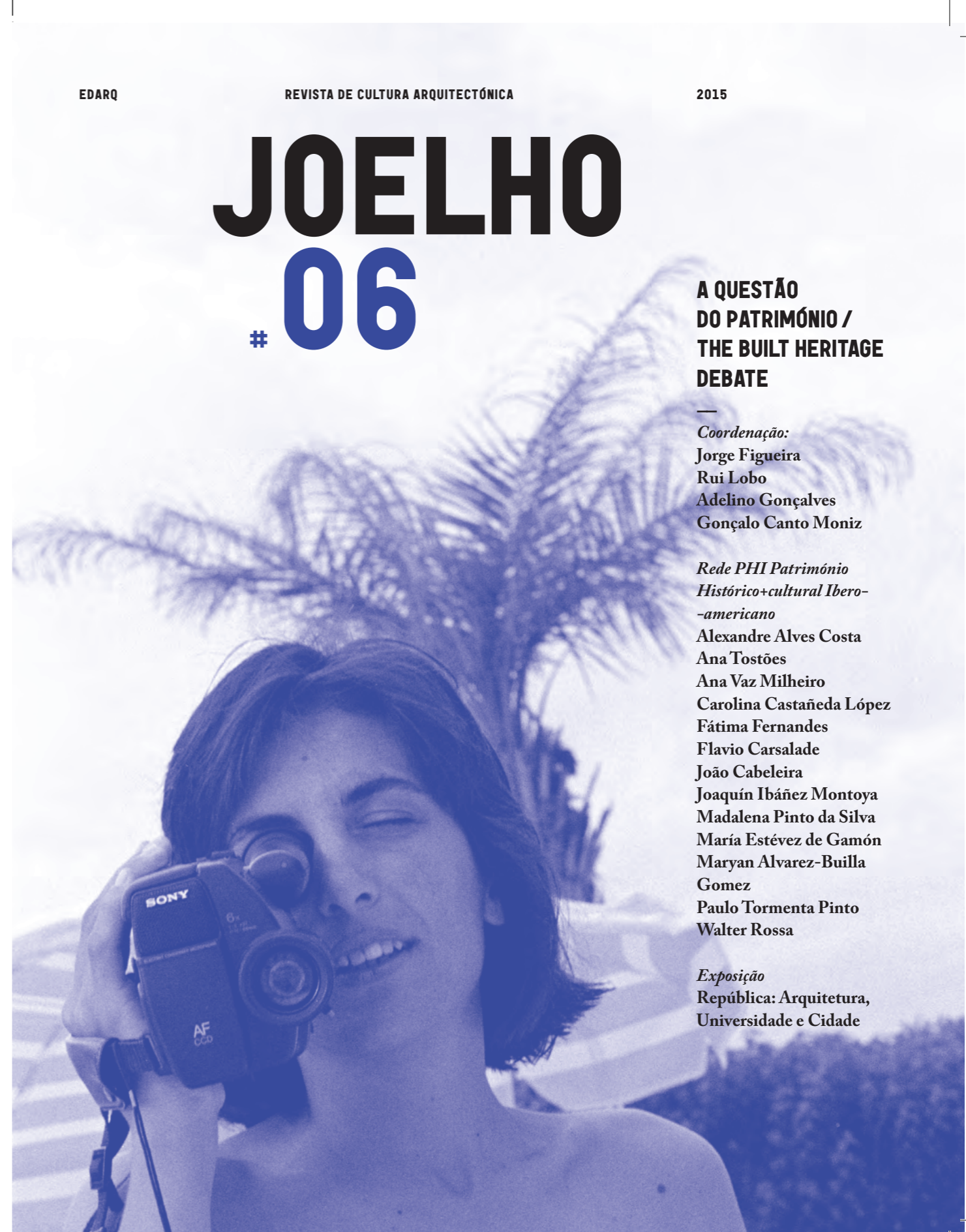
Paulo Tormenta Pinto

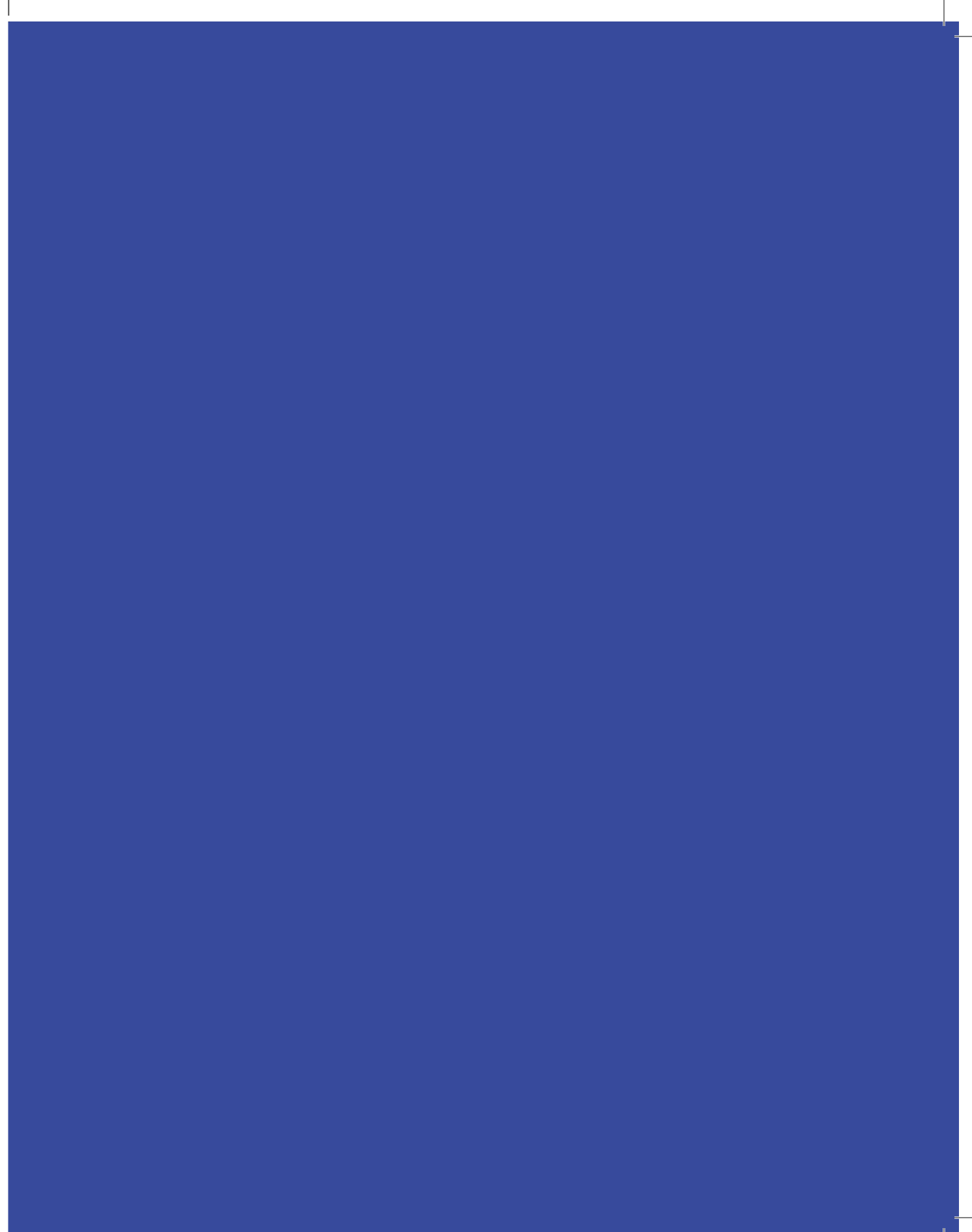
Walter Rossa

Exposição

República: Arquitetura,

Universidade e Cidade





JOELHO

06

A QUESTÃO DO PATRIMÓNIO / THE BUILT HERITAGE DEBATE

—
Coordination:

Jorge Figueira

Rui Lobo

Adelino Gonçalves

Gonçalo Canto Moniz

em cima do joelho

série II: JOELHO

Editores JOELHO / Editors

Jorge Figueira
Gonçalo Canto Moniz

JOELHO 5

Título / Title
A Questão do Património /
The Built Heritage Debate

Coordenação / Coordination

Jorge Figueira
Rui Lobo
Adelino Gonçalves
Gonçalo Canto Moniz

Colaboração / Collaboration

Bruno Gil
Carolina Ferreira

Design

R2 (www.r2design.pt)

Imagem da Capa / Cover Image

José Maças de Carvalho

Site Joelho

<http://impactum-journals.uc.pt/joelho>

Impressão e Acabamentos / Print

Gráfica de Coimbra

Depósito Legal / Legal Deposit

327180/15

Joelho (Impresso) ISSN

1647-9548

Joelho (Linha) ISSN

1647-8681

Tipografia / Typography

Logótipo Joelho: Garage, Desenhada em 1999 por Thomas Hout-Marchand, Editada pela sua editora 256TM

JOELHO VI:

Neutraface Slab, desenhada em 2009 por Susana Carvalho e Kai Bernau, sob direcção artística de Christian Schwartz e Ken Barber. **Jigsaw**, Desenhada em 2000 por Johanna Bilak. **Adobe Caslon Pro**, Desenhada em 1990 por Carol Twombly a partir do desenho original de William Caslon em 1766. **Akurat Mono**, Desenhada em 2004 por Laurenz Brunner.

Reunião / Meeting

Reunião Internacional de Coimbra da REDE PHI – Património Histórico Ibero-Americano / Coimbra International Meeting PHI Network – Ibero-American Historical Heritage

Organização / Organization

Jorge Figueira
Rui Lobo
Adelino Gonçalves
Gonçalo Canto Moniz

Colaboração / Collaboration

Bruno Gil
Carolina Ferreira
Cátia Marques

Organização / Organization

Departamento de Arquitectura da FCTUC / Department of Architecture, University of Coimbra
Rede PHI Portugal / PHI Portugal Network

Parceiros / Partners

Reitoria da Universidade de Coimbra / University of Coimbra
Centro de Estudos Sociais / Centre for Social Studies

Local e Data / Location and Date

18 – 20, Novembro, 2014, Colégio das Artes, Coimbra

Site

<http://rede-phi.net/>

Apoio / Sponsors

Delta

Exposição / Exhibition

Workshop internacional de Arquitectura sobre Alojamento Estudantil e Reabilitação Urbana
República: Arquitectura, Universidade e Cidade / International Workshop of Architecture on Students Housing and Urban Rehabilitation
República: Architecture, University, City

Organização / Organization

Gonçalo Canto Moniz
Adelino Gonçalves

Colaboração / Collaboration

Carolina Ferreira

Organização / Organization

Departamento de Arquitectura da FCTUC
Centro de Estudos Sociais

Parceiros / Partners

Reitoria da Universidade de Coimbra
Escola de Arquitectura da Universidade do Minho
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Escola Superior Artística do Porto
Departamento de Arquitectura e Urbanismo, Escola de Tecnologias e Arquitectura, ISCTE-IUL

Repúblicas

Baco
Bota-Abaixo
Das Marias do Loureiro
Kuarenta
Prá-Kys-Tão
Rás-teparta

Local e Data / Location and Date

17 a 21 de Novembro de 2014
Colégio das Artes, Coimbra

Site

<http://republicasuc.blogspot.pt/>

Apoio / Sponsors

Delta

Organization



Partnership



Sponsors



ÍNDICE

- 5 EDITORIAL
JORGE FIGUEIRA, RUI LOBO,
ADELINO GONÇALVES AND GONÇALO
CANTO MONIZ
- PAPERS
α : PHI
- 16 **Património Moderno: a conservação
e a reutilização como um recurso
sustentável**
ANA TOSTÕES
(ICIST, DECIVIL, IST, PORTUGAL.
DOCOMOMO INTERNACIONAL.)
- 25 **Optimistic Suburbia, building an
heritage**
ANA VAZ MILHEIRO
(DINÂMIA'CET-IUL; ISCTE-IUL)
- 36 **O Espaço do Olhar**
ALEXANDRE ALVES COSTA
(CEAU, FAUP, PORTUGAL)
- 50 **El plan director de la Catedral de
Cuenca. Una intervención continuada**
MARYAN ALVAREZ-BUILLA GOMEZ
(ETSAM, EPM, ESPANHA)
- 60 **O passado presente: problemas
epistemológicos do restauro
arquitetónico**
FLAVIO CARSALADE (UFMG, BRASIL)
- 69 **El patrimonio en Argentina. Tiempos,
espacios y renovación conceptual.**
ADRIANA COLLADO
(FADU, UNL, ARGENTINA)
- 78 **Stone Raft: allegory on the spread of
European urbanistics in Early Modern
times**
WALTER ROSSA
(CES, DARQ, UC, PORTUGAL)
- 94 **The geographic square: a public space
in the territory**
MADALENA PINTO DA SILVA
(CEAU, FAUP, PORTUGAL)
- 102 **Architectural enhancement project
and cultural landscape of Cape
Espichel**
FÁTIMA FERNANDES
(ESAP, PORTUGAL)
- 111 **Território, Património e Ideologia –
Experiências pedagógicas no ensino
de Projeto Final de Arquitetura do
ISCTE-IUL**
PAULO TORMENTA PINTO
(DINÂMIA'CET-IUL; ISCTE-IUL)
- 122 **A reflexão Patrimonial no contexto da
formação em arquitectura**
JOÃO CABELEIRA
(EAUM, PORTUGAL)
- 128 **Herencia de una industria entre
dos orillas. Las dimensiones de las
Fábricas de Tabacos en España:
identidad de un patrimonio industrial
arquitectónico a través de la mirada
contemporánea**
CAROLINA CASTAÑEDA LOPEZ
(ETSAM, EPM, ESPANHA)
- 137 **El proyecto PHI. Patrimonio
Histórico+cultural Iberoamericano.**
MARÍA ESTÉVEZ DE GAMÓN,
JOAQUÍN IBÁÑEZ MONTOYA
(ETSAM, EPM, ESPANHA)
- PAPERS
β : The matter of built heritage
- 146 **The Eastern waterfront area of Lisbon:
progress, decline and regeneration.**
ANA NEVADO
(DINÂMIA'CET-IUL; ISCTE-IUL)

- 153 The topology of marble: the matter of Estremoz built heritage**
CIDALIA FERREIRA SILVA,
LUIS DUARTE ESTEVES
(EAUM, PORTUGAL)
- 162 Territories of energy production and landscape heritage. The Coal Basin of Douro**
DANIELA ALVES RIBEIRO
- 171 Learning from Borja. Heritage preservation processes in the work of the Porto School.**
EDUARDO FERNANDES
(LAB2PT, EAUM, PORTUGAL)
- 178 *Chronicle of a death foretold. Or when a National Monument fails its status.***
JOANA CAPELA DE CAMPOS,
VÍTOR MURTINHO
(CES, DARQ, UC, PORTUGAL)
- 187 The Sequel. Building reuse in Lisbon: the case of Modern Cinema Theatres [1904-1957]**
JOANA GOUVEIA ALVES,
ANA TOSTÕES
(ICIST, DECIVIL, IST, PORTUGAL. DOCOMOMO INTERNACIONAL.)
- 198 Chiado's conservation and transformation**
JORGE CARVALHO
(DARQ, UC, PORTUGAL)
- 206 Praça do Bota Abaixo as a metonymy: urban rehabilitation in democracy**
JOSÉ CABRAL DIAS
(CEAU, FAUP, PORTUGAL)
- 216 Notes towards a project for the quarries landscape of the Estremoz Anticline**
PEDRO BAGANHA
CEAU, FAUP, PORTUGAL
- 225 Studying the Built Environment as an Intangible Heritage in Unequally Divided Cities**
TIAGO CASTELA
(CES, UC, PORTUGAL)
- 236 Summer Houses, Ruin and Demolition of modern heritage**
TIAGO FREITAS
- EXHIBITION
- 248 Workshop internacional de Arquitetura sobre Alojamento Estudantil e Reabilitação Urbana. República: Arquitetura, Universidade e Cidade.**
GONÇALO CANTO MONIZ,
ADELINO GONÇALVES
- 250 Repúblicas do Baco e das Marias do Loureiro: Genealogia e Processo**
- 256 Real República do Bota-Abaixo: Reabilitar e Ativar o Património**
- 262 Kuarenta: Documentário e Centenário para uma República Comunitária**
- 268 Prá-Kys-Tão: Alojamento Estudantil e Reabilitação Urbana Navegar é preciso**
- 275 República Rás-Teparta**

Gonçalo Canto Moniz,
Adelino Gonçalves

**Workshop internacional de
Arquitetura sobre Alojamento
Estudantil e Reabilitação Urbana.
República: Arquitetura,
Universidade e Cidade.**

N
D
T
T
B
T
H
Y
E

Desde a instalação definitiva da Universidade em Coimbra (1537), desenvolveram-se diversas formas de alojamento estudantil para acolher os estudantes universitários: o quarto em casa particular, a república e as residências de estudantes. Todas diferentes, mas todas estruturalmente influentes no desenvolvimento cidade, tanto de um ponto de vista socioeconómico, como do ponto de vista do desenvolvimento e organização do espaço urbano. De todas elas, a república constitui-se como um espaço de socialização e de formação política que atravessou gerações de estudantes, desde o século XIX, acompanhando a construção da universidade e da cidade.

O *Workshop 'República: Arquitetura, Universidade e Cidade'* constituiu uma plataforma de discussão do papel do alojamento estudantil enquanto força motriz da coesão urbana e como laboratório de estudos de reabilitação do património edificado da área central da cidade de Coimbra.

Por um lado, procurou-se problematizar a arquitetura das repúblicas com o objectivo de produzir uma reflexão sobre o espaço de habitar do estudante. Por outro lado, pretendeu-se discutir o seu papel na transformação do espaço público através das dinâmicas geradas pela presença de estudantes no centro da cidade.

Assim, o workshop organizou-se com cinco grupos de trabalho, formados com tutores e estudantes das diversas escolas nacionais integradas na rede PHI e com elementos das diversas repúblicas, que colaboraram no evento. Deste modo, cada grupo trabalhou especificamente sobre uma república considerando diversas hipóteses, como a sua remodelação, a sua expansão ou mesmo a sua deslocação para outro edifício na cidade.

Os resultados obtidos, registados nos painéis que a seguir apresentamos, são diversos e traduzem perspectivas particulares que emergiram do diálogo intenso entre projetistas e utentes, entre estudantes de arquitetura e repúblicas. A casa, a cidade e o quotidiano constituíram-se como matéria de reflexão e de projeto, integrando a história rica de cada espaço e de cada objecto, mas também explorando transformações em torno dos desejos e ambições de cada um dos seus atores. Em conjunto, constituem um contributo / estímulo importante que não podíamos deixar de partilhar, para pensar e pesar os papéis que as repúblicas podem desempenhar na coesão do centro de Coimbra.

Repúblicas da Baco
e da Marias do Loureiro,
Aleksandra Rzeszutekⁱ,
Gioia Dell'Aquilaⁱ, João Peraltaⁱ,
Miguel Albertoⁱ, Pedro Renaultⁱ,
Susana Loboⁱ, Tiago Castelaⁱⁱ

**Repúblicas do Baco
e das Marias do Loureiro:
Genealogia e Processo**

ⁱ DARQ

ⁱⁱ CES

N
D
I
I
B
I
H
A
E

A equipa de projeto concentrou-se num exercício genealógico sobre o espaço das duas Repúblicas e do largo adjacente, de modo a habilitar a imaginação prospectiva.¹ Em conjunto com as repúblicas e os repúblicos – e seguindo atentamente as pistas sugeridas pelo seu espaço social – interrogamos as dicotomias conceptuais constantemente produzidas pela prática quotidiana do espaço, e que ao mesmo tempo a condicionam: por exemplo, as oposições entre público e privado, masculino e feminino, ou temporário e permanente. Com base nesta interrogação desnaturalizadora, o projecto proposto explora a partir das duas Repúblicas um futuro urbano para Coimbra fundado numa espacialidade quotidiana mais plural, de “lugares de simultaneidade e encontros, lugares onde a troca não passasse pelo valor de troca, do comércio, e do lucro” (Lefebvre, [1968] 1974, p. 107; nossa tradução). Para tal, recorremos a uma relação entre dois dispositivos espaciais favorecendo uma articulação de intimidade e publicidade noutras cidades: a antiga e “liminar” *altana* de Veneza (Cowan, 2011) e o recente e “animador” *parklet* de São Francisco (Southworth, 2014).

O exercício genealógico acima descrito não pode ser compreendido sem que recordemos o enfoque no processo da equipa de projeto. Parafraseando John Turner, privilegiamos o projecto enquanto verbo (1972, p. 151). Ao envolver desde o início e de uma forma repetida na reflexão coletiva as repúblicas e repúblicos, a equipa compreendeu de que forma o conhecimento especialista do espaço pode servir, não para impor uma visão normativa da modernidade urbana a ser “apropriada”, mas antes para transformar o ambiente construído da cidade de um modo inspirado pela necessária diversidade de práticas e experiências espaciais, incluindo as práticas e experiências associadas à ética cooperativa das Repúblicas. Consequentemente, utilizamos durante a semana esboços e modelos rapidamente elaborados, que fomentaram um espaço social emergente, entre conhecimento especialista e conhecimento cidadão; um espaço fugaz mas frutífero.

1 → Evocamos aqui a proposta do filósofo francês Michel Foucault sobre a “genealogia” como investigação sobre a formação contingente dos conceitos que quotidianamente condicionam a prática ([1971] 2004).

Referências

Cowan, A. (2011). Seeing is believing: Urban gossip and the balcony in early modern Venice. *Gender and history*, 23 (3), 721-738.

—
Foucault, M. ([1971] 2004). Nietzsche, la généalogie, l'histoire. In *Philosophie: Anthologie*. Paris: Gallimard.

Lefebvre, H. ([1968] 1974). *Le droit à la ville, suivi de espace et politique*. Paris: Éditions Anthropos.

—
Southworth, M. (2014). Public life, public space, and the changing art of city design. *Journal of urban design*, 19 (1), 37-40.

Turner, J. (1972). Housing as a verb. In J. Turner and R. Fichter (Eds.). *Freedom to build: Dweller control of the housing process*. Nova Iorque: The Macmillan Company.

PROCS DA REPUBLICA
BACO

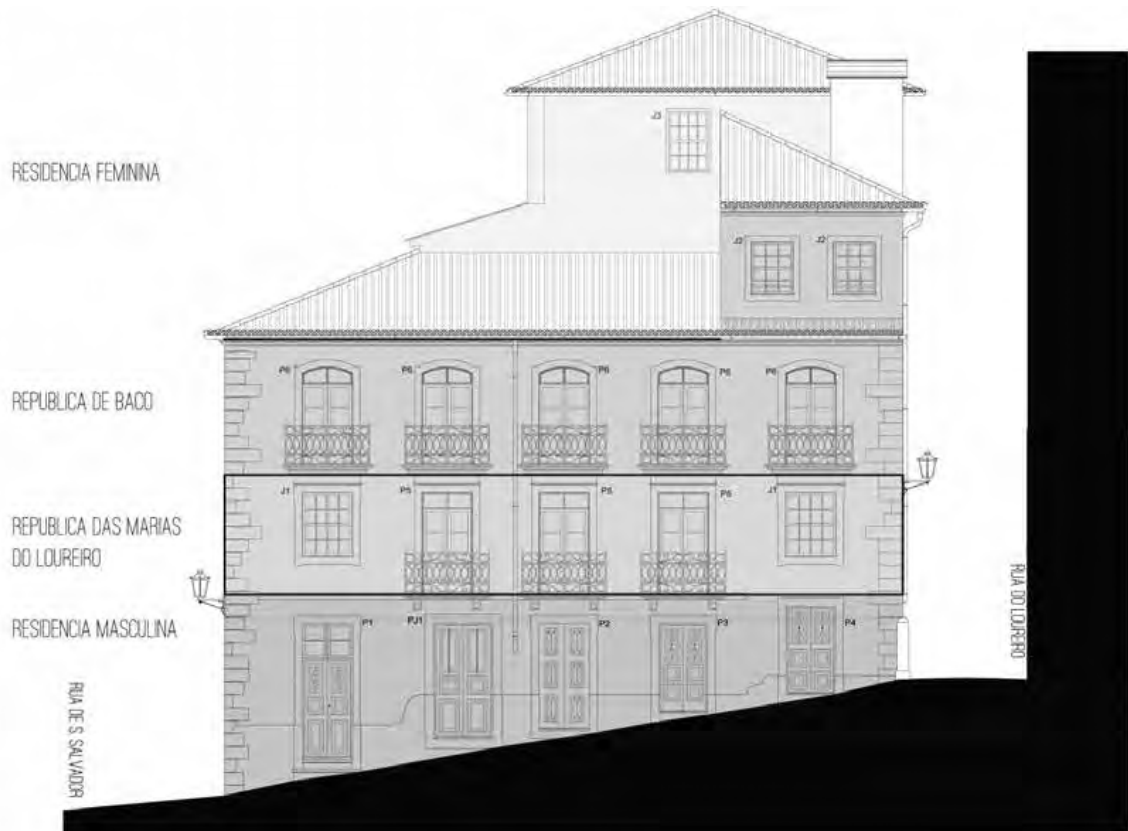


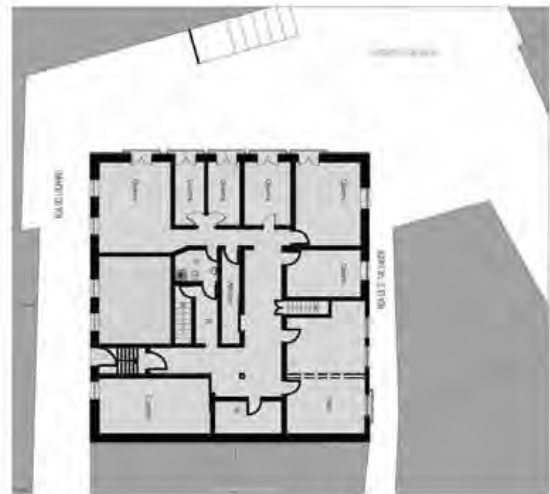
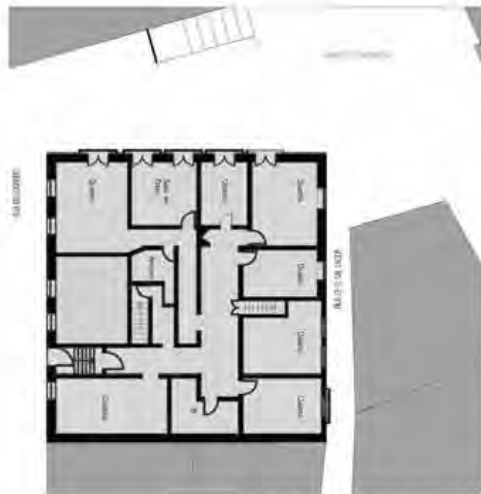
REPÚBLICA
DAS
MARIAS DO LOUREIRO



BACO + MARIAS DO LOUREIRO







PLANTA MARIA DOS LOUREIROS ANTES E DEPOIS

PROPOSTA INTERNA



PLANTA BACO ANTES E DEPOIS



SECCOES TRANSVERSAIS

Repúblicos da Bota-Abaixo,
David Martinsⁱ, Nádia Romãoⁱ,
Maria Resendeⁱⁱ, Eva Paivaⁱⁱ,
Micael Soaresⁱⁱ, Laura Iglesiasⁱⁱ,
Madalena Pinto da Silvaⁱⁱⁱ,
Pedro Baganhaⁱⁱⁱ,
Adelino Gonçalves^{iv}

**Real República
do Bota-Abaixo: Reabilitar
e Ativar o Património**

i ISCTE-IUL

ii DARQ

iii FAUP

iv DARQ-CES

N
D
I
I
B
I
H
A
E

A Real República do Bota-Abaixo, situada na Rua S. Salvador, na Alta de Coimbra, integra-se no grupo das 25 repúblicas existentes atualmente em Coimbra.

Fundada em 1949, a República faz uso de um edifício de 4 pisos, do qual é, atualmente, proprietária, sendo que constitui neste momento uma associação.

No contexto urbano, o edifício insere-se na malha medieval da Alta de Coimbra, com frente para a Rua de São Salvador e traseira para a Rua do Cabido. Esta última com potencial em termos de percurso turístico, uma vez que liga a Sé Nova, a Igreja de São Salvador o Museu Machado Castro e a Sé Velha. Apesar de não ser oficialmente considerada como tal, a República é vista pelos estudantes e pelos moradores como património histórico da cidade, constituindo também um ponto de interesse turístico.

O programa deste tipo de habitação é versátil, transformando-se de acordo com as necessidades dos repúblicos e/ou as atividades por eles organizadas, tanto para os habitantes como para a comunidade exterior. Aquando da realização deste workshop, a casa dispunha de 9 quartos, sala comum, biblioteca, cozinha, sala de jantar, lavandaria e 2 casas de banho. Contava ainda com um pátio exterior que, a partir da Rua do Cabido, permitia o acesso ao piso inferior, semienterrado, com duas habitações independentes. Numa residia uma inquilina idosa, e a outra encontrava-se desabitada, e conseqüentemente deixada ao abandono.

A proposta de intervenção fez-se com o objetivo de ativar o carácter patrimonial da República e recuperar a sua função de condensador social, outrora determinante, uma vez que durante o período de regime ditatorial esta se tratava de um importante ponto de encontro, onde estudantes e comunidade se reuniam em tertúlias antifascistas que contavam com a presença de personalidades como Zeca Afonso e Adriano Correia de Oliveira. Através da reabilitação e requalificação do espaço, a proposta visa a transformação da República do Bota-abaixo num lugar de referência na Alta de Coimbra, estabelecendo e reforçando pontes com comunidade (a partir do turismo, organização de eventos culturais, ciclos de cinema, etc.) garantindo, assim, a sua permanência futura.

A proposta em si, caracteriza-se pela transformação das divisões do volume longitudinal em espaços comuns (sala de estar e biblioteca), ampliação da sala de jantar – dando resposta às necessidades dos repúblicos e comensais de uma zona de refeições mais ampla –, criação de uma sala polivalente para eventos, integração de uma espaço para a Associação José Afonso e requalificação do pátio, prolongando-o até à Rua do Cabido de modo a criar uma nova entrada e assim introduzir a República e a Associação Zeca Afonso no percurso turístico e de interesse histórico e patrimonial existente.



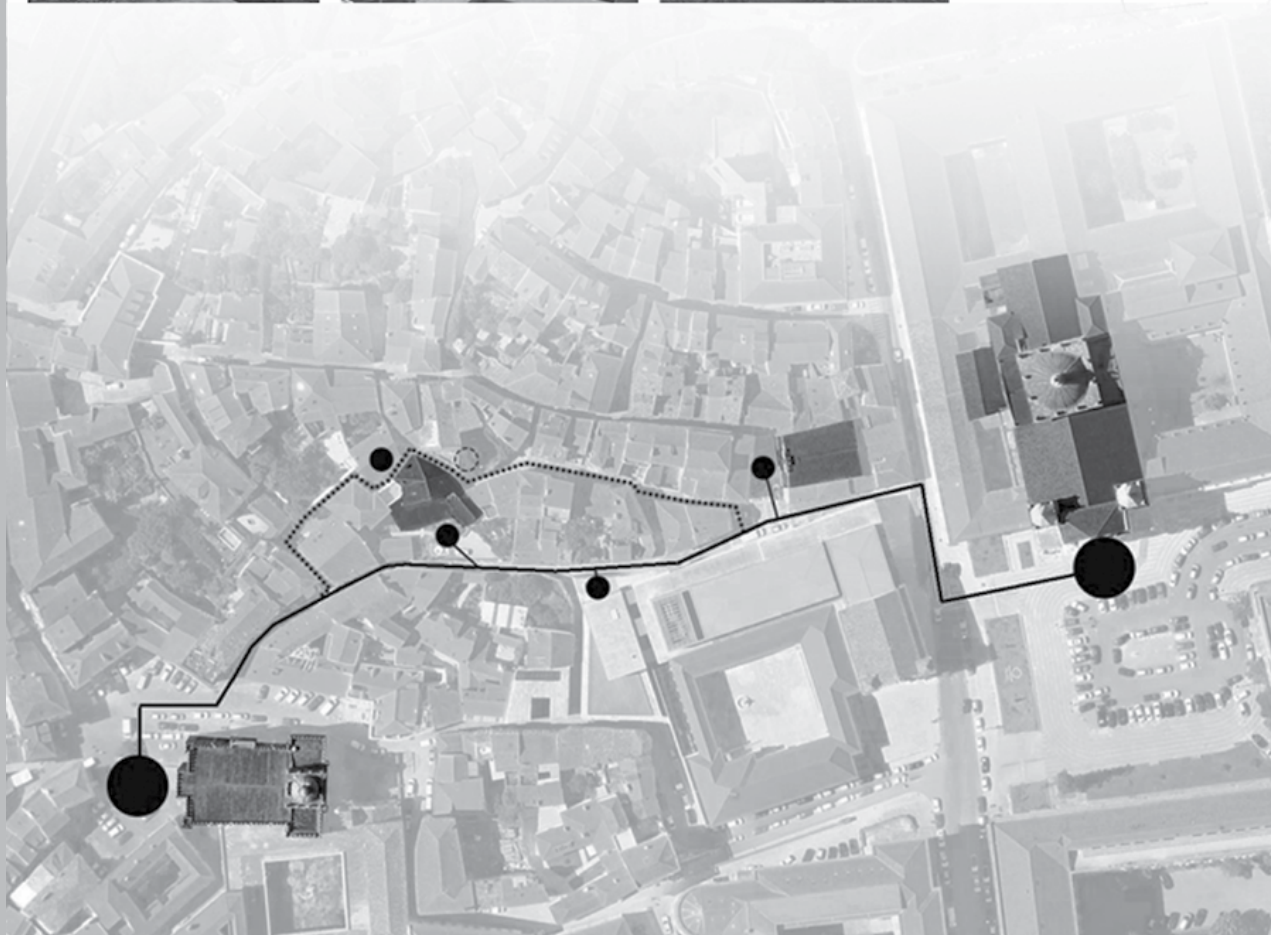
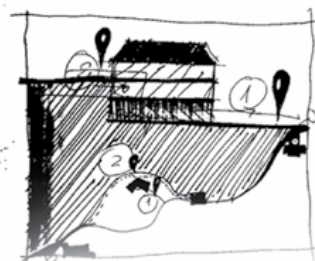
ACTIVAR RE(S)PUBLICA GERAR PATRIMÓNIO

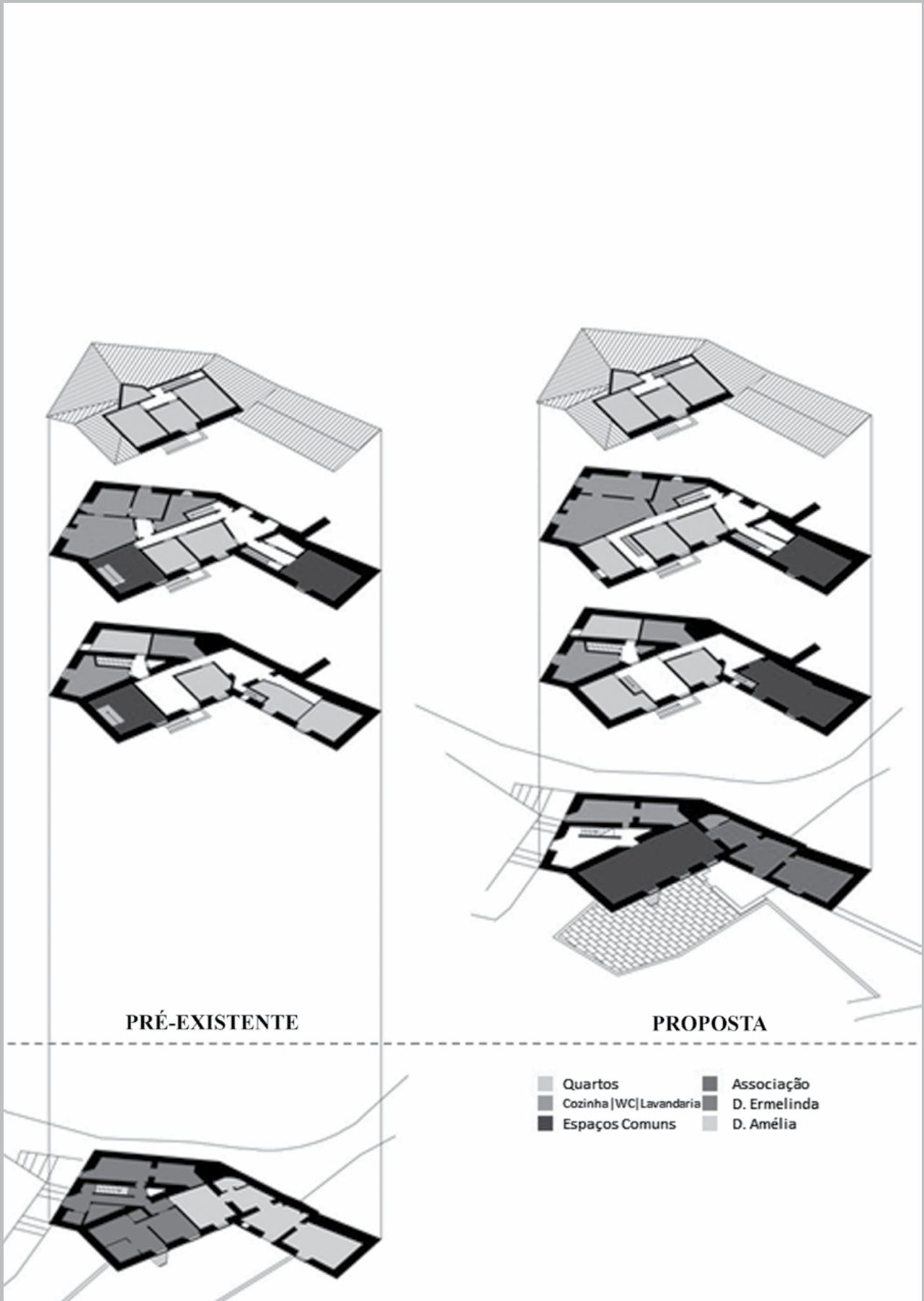


ACTIVAR
RE(S)PUBLICA
GERAR
PATRIMÓNIO



questão da coisa pública
questão do habiton





PRÉ-EXISTENTE

PROPOSTA

- Quartos
- Cozinha|WC|Lavandaria
- Espaços Comuns
- Associação
- D. Ermelinda
- D. Amélia

T
V
I
I
D
I
T
I
O
N



WORKSHOP INTERNACIONAL DE ARQUITECTURA
Adelino Gonçalves | Madalena Pinto da Silva | Pedro Baganha [D'ARQ+FAUP]
David Martins | Eva Paiva | Inês Pinheiro | Laura Iglesias | Maria Resende | Micael Soares | Nádía Romão [D'ARQ+ISCTE-IUL]

Repúblicos do Kuarenta,
António Miguel Fernandesⁱ,
Luís Estevesⁱ,
Maria João Loboⁱ,
João Leiteⁱⁱ, Jorge Moraisⁱⁱ,
Fátima Fernandesⁱⁱⁱ, José Semideⁱⁱⁱ,
Gonçalo Canto Moniz^{iv},
Carolina Ferreira^{iv}

**Kuarenta: Documentário
e Centenário para uma
República Comunitária**

i EAUM

ii DARQ

iii ESAP

iv DARQ-CES

N
D
I
I
B
I
H
A
Y
E

A República do Kuarenta está instalada na Rua da Matemática, desde 1975. Esta localização não só a situa no centro histórico da cidade, como também a coloca numa zona charneira entre a Cidade e a Universidade, entre a Alta e a Baixa.

A casa Kuarenta, com quatro pisos e águas furtadas, ocupa um lote estreito com um pequeno saguão a Sul. Numa sucessão de pequenos compartimentos, voltados a Norte para a rua ou a Sul para o saguão, os repúblicos exploram com criatividade todos os espaços. Se o quotidiano obriga a uma permanente ginástica, o momento mais dramático é no centenário, quando todos os anos, a casa recebe mais de uma centena de antigos elementos e amigos para partilhar o aniversário.

Perante estas condições, o grupo considerou dois caminhos. Num primeiro momento, a realização de um Documentário, que tornasse visível este mundo complexo e inventivo do Kuarenta. Num segundo momento, a realização de um projecto para o cenário extremo, o dia do Centenário.

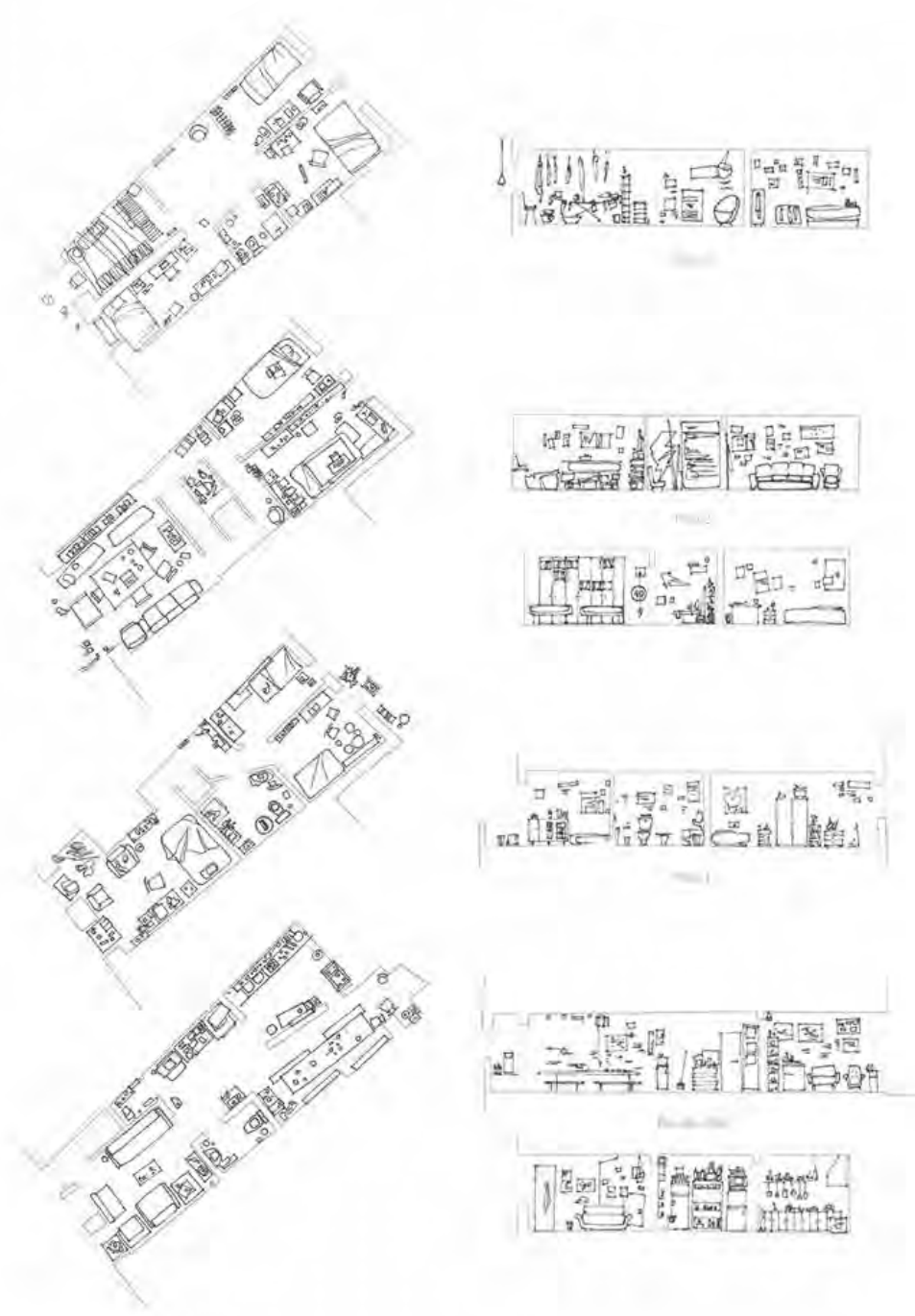
O Documentário foi realizado utilizando o Desenho como ferramenta de reconhecimento do espaço e levantamento exaustivo de todos os objectos que ocupam a casa, permitindo assim compreender a intensidade com que a casa é habitada e como é vivida. Seguiu-se um método de análise utilizado, na década de 60, pelos estudantes de Arquitectura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, denominado “Inquérito Urbano”, com o objectivo de conhecer para intervir.

O Centenário foi explorado através do projecto, considerando que é necessário construir uma mesa para mais de cem pessoas. Habitualmente, esta mesa extravasa o refeitório da República e naturalmente ocupa a rua. Assim, considerou-se que a partir de um sistema de tábuas e elementos metálicos de uma empresa de andaimes se poderia montar uma “mesa comunitária” que levasse, neste evento, a República e os repúblicos à cidade. Esta mesa poderia ainda transformar-se num conjunto de “estruturas em movimento” de apoio ao quotidiano da República nos restantes 355 dias do ano. Imaginaram-se então diversos cenários que resolvessem problemas do dia-a-dia dos repúblicos: uma fachada habitável no saguão, o acesso às águas furtadas para as sessões de cinema, a projecção de filmes nas escadarias da cidade, a realização de um palco ambulante, a consolidação estrutural do edifício, etc.

Pretendia-se assim consolidar a dimensão comunitária e cultural que já está bem presente no Kuarenta a partir de um sistema articulador que ligasse diversas repúblicas em torno de acções comuns.

DOCUMENTÁRIO

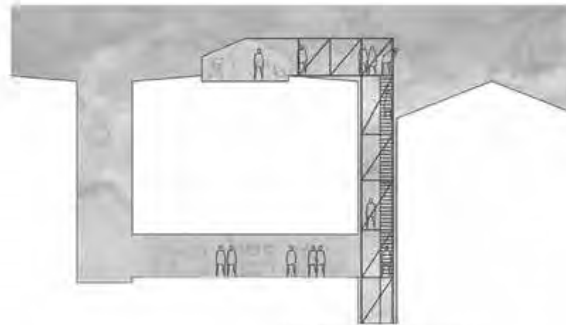
LEVANTAMENTO CRÍTICO | DELEÇÃO | APROPRIAÇÕES



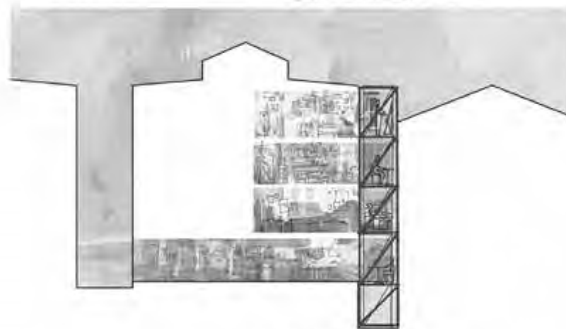


QUOTIDIANO

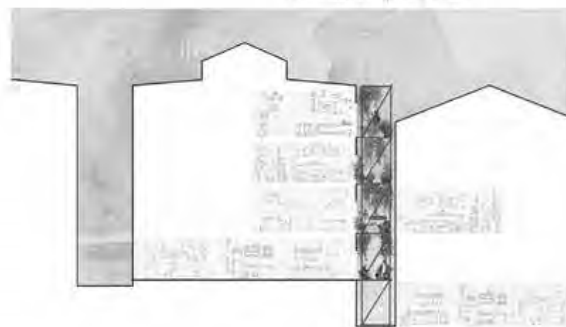
ESTRUTURA VERTICAL | "BURACO NEGRO"



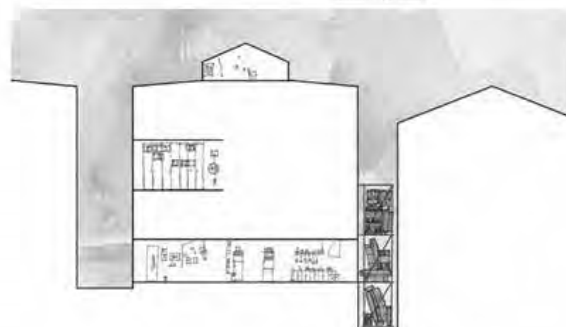
Ligação entre escaletas contíguas



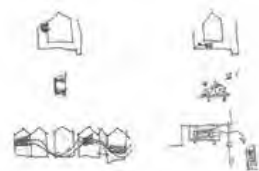
Extensão do espicamento



Linha vertical



Alinhamentos



COMUNITÁRIO E CULTURAL

ESPAÇO PÚBLICO | FACHADA HABITÁVEL | ESTRUTURA EM MOVIMENTO



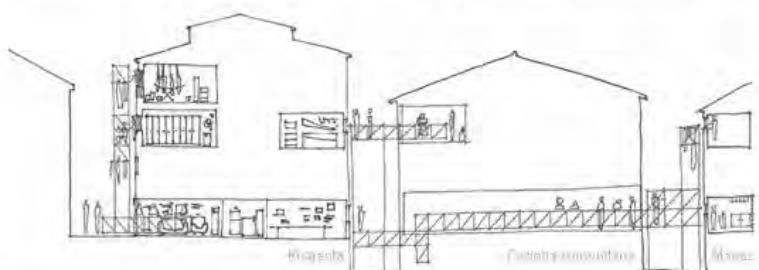
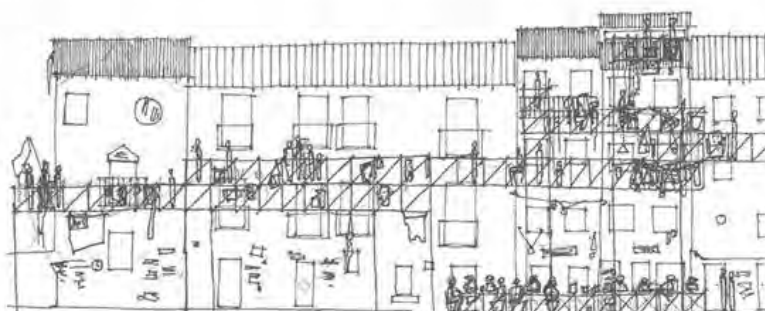
Kazembé



República e espaços de lazer



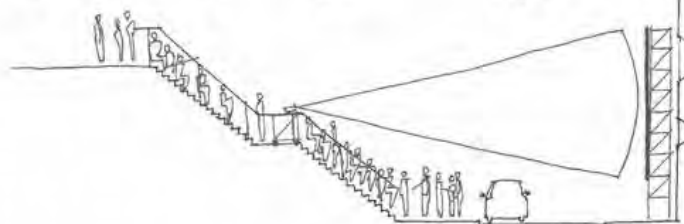
Centro de Estudos



Residência

Centro comunitário

Movimento



Repúblicas da Prá-Kys-Tão
Margarida Marquesⁱ,
Pedro Coutinhoⁱ, Ricardo Leitãoⁱ,
Ana Cortezⁱⁱ, Ana Moreiraⁱⁱ,
Bárbara Gilⁱⁱ, Inês Barretoⁱⁱ,
Manuel Ramalhoⁱⁱ,
Francisco Ferreiraⁱⁱⁱ,
Joaquim Almeidaⁱⁱ

**Prá-Kys-Tão:
Alojamento Estudantil
e Reabilitação Urbana
Navegar é preciso**

ⁱ FAUP

ⁱⁱ DARQ

ⁱⁱⁱ EAUM

N
D
I
I
B
I
H
A
E

A Real República do Prá-kys-tão foi fundada em 1951, contando actualmente com 8 repúblicos (residentes fixos) e 5 comensais (habitantes que participam nas refeições, actividades da casa, e possuem chave da república, mas não quarto individual).

É uma das mais emblemáticas e antigas repúblicas de Coimbra, quer pela origem do edifício, que remonta ao século XVI, quer pela sua forma que evoca uma nau marítima. Os repúblicos que aqui habitam, caracterizam-se por um espírito assumidamente anti-praxe desde 1969, que visa ao mesmo tempo uma importante abertura à comunidade que o rodeia, quer através da organização de eventos (ex: sessão de cinema inter-repúblicas), quer através de um desejo de uma maior abertura à sociedade envolvente. Tal facto é correspondente do espírito das repúblicas coimbrenses, cabendo-nos a nós, estudantes de arquitectura, realçar este espírito comunitário através do carácter urbano que as mesmas formam. O espaço de 100 metros quadrados neste momento desocupado no piso infeior da Prá-kys-tão, também surge como um tema de projecto para o desenvolvimento deste paradigma.

Quando confrontámos os repúblicos sobre quais os principais problemas da casa que gostavam de ver resolvidos recebemos respostas sobre o perigo que “a casa caia”, devido à facilidade de infiltrações que possam fragilizar a estrutura. O facto de a cozinha não estar junto à sala de jantar, também é algo que têm especial interesse em ver resolvido, de modo a que o “cozinheiro do dia” possa estar em constante contacto com os restante habitantes e não isolado a cozinhar. Também transmitiram a sua preocupação face à falta de organização presente no espaço utilizado para a caixa de areia para os gatos, o ruído que entra em alguns quartos e o frio presente em todo o primeiro andar da casa.

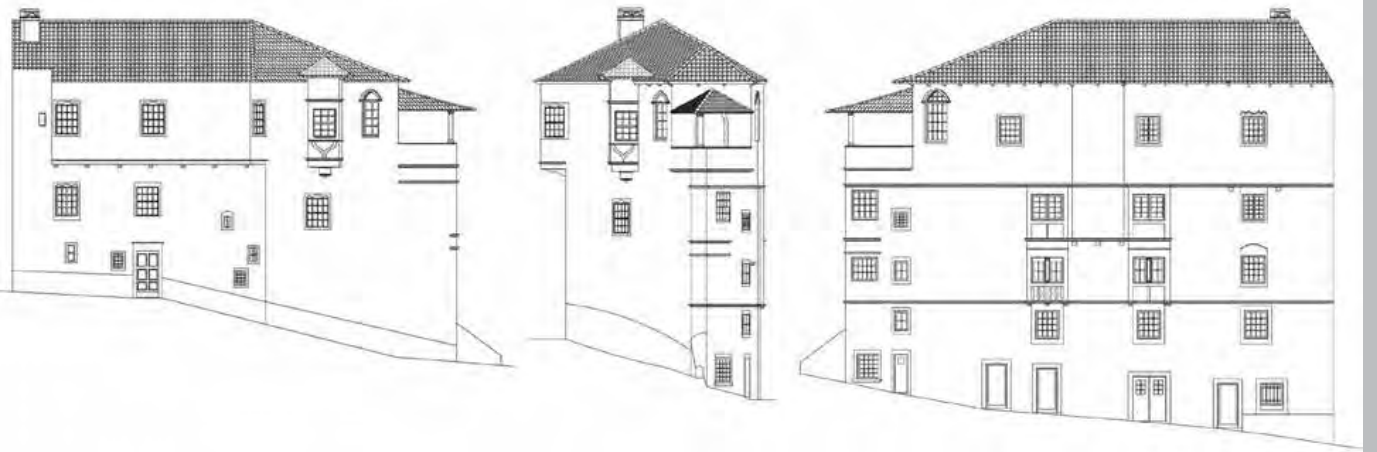
Existe assim um sentido de habitar informal da casa onde a justaposição de informações, poemas, frases carismáticas e desenhos das paredes corresponde a uma justaposição temporal das diferentes vidas que habitaram nesta república. Face a isso, atrevemo-nos a distribuir esta informalidade entre duas vertentes. A primeira, consiste numa aparente desorganização que não nos parece pejorativa para o bom funcionamento da casa (ex: os objectos que se vão acumulando na sala de estar). A segunda, num conjunto de espaços cujo reenquadramento da organização dos espaços, será de todo benéfico para os seus utilizadores (ex: a biblioteca; o carrinho de compras como modo de armazenar a roupa suja).

Perante este conjunto de problemáticas, um dos principais desafios que passa pelas nossas mãos é a resolução destes problemas, sem alterar a essência da casa em questão. Para as pessoas que aqui vivem, a noção de respeito pela memória dos antigos repúblicos que habitaram na Prá-kys-tão é um ponto fulcral e um dos temas de projecto deste workshop. Concluímos uma grande vontade por parte dos repúblicos em não retocar em três paredes da casa devido aos desenhos que são parte integrante da “alma” da mesma. Os repúblicos transmitiram-nos a ideia de que os antigos habitantes não se importariam que a casa

fosse muito alterada em prol de uma boa vivência dos habitantes actuais, mas existe o receio de alterar o passado dos antigos repúblicos. Há que ter em conta este sentimento de hereditariedade de valores que percorre as paredes destes espaços, aliado a um impulso de organização renovador que transmite um amor pela história da casa e um sentimento de identidade comunitária. Este é um sentimento que, face ao medo de perder os direitos de propriedade se resume na frase de um dos repúblicos: “não vamos sair da casa que nos viu nascer”.

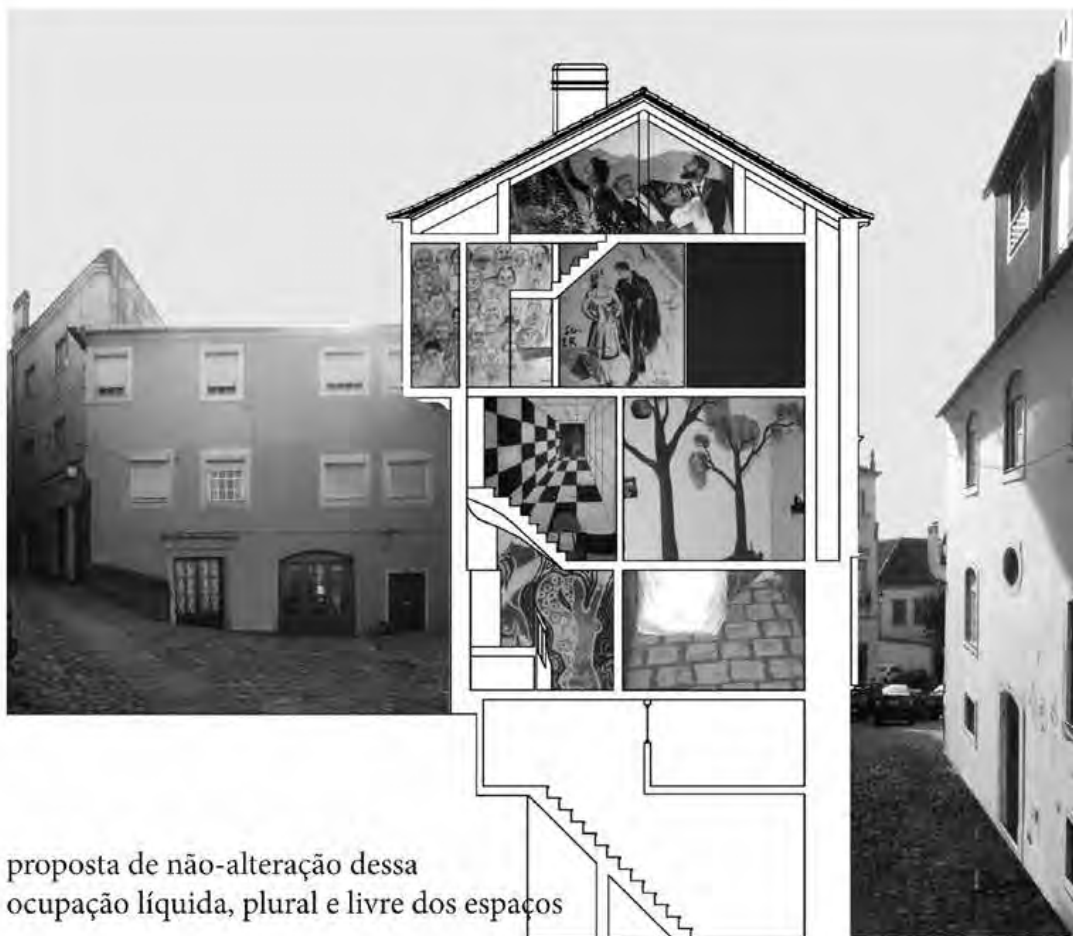


Prá-kys-tão
navegar é preciso

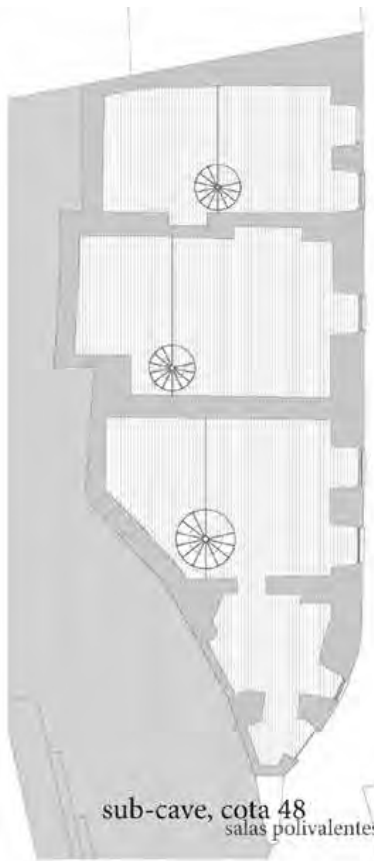




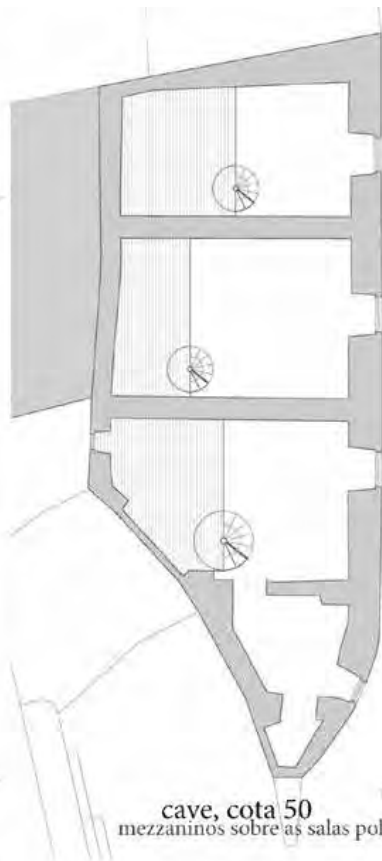
entre o caos e o cosmos - imagens da vivência na república



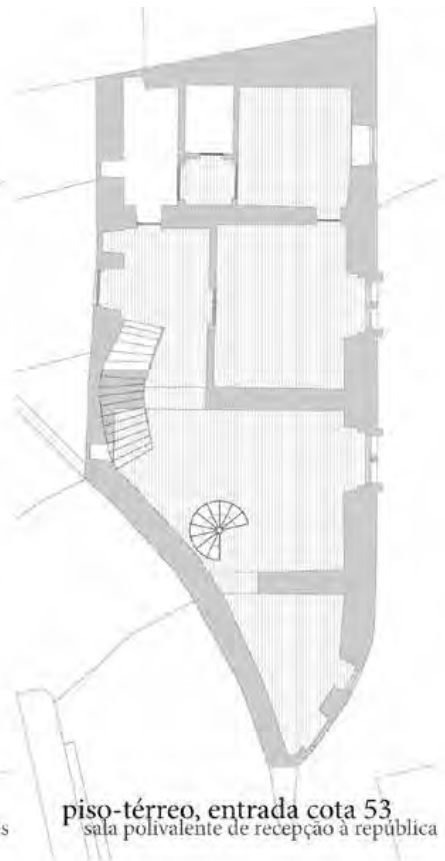
proposta de não-alteração dessa
ocupação líquida, plural e livre dos espaços



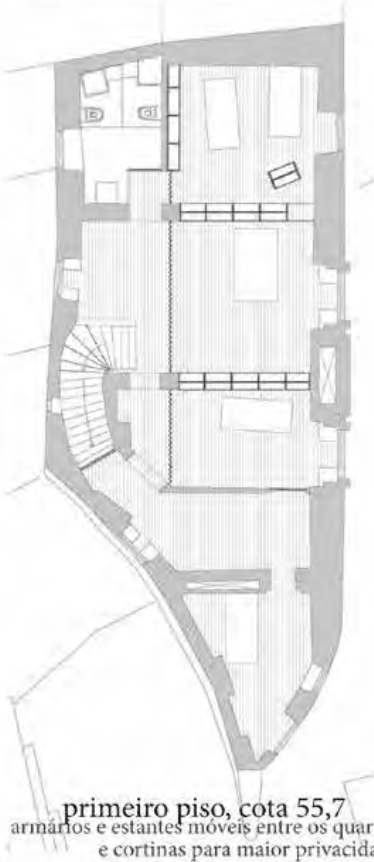
sub-cave, cota 48
salas polivalentes



cave, cota 50
mezzaninos sobre as salas polivalentes



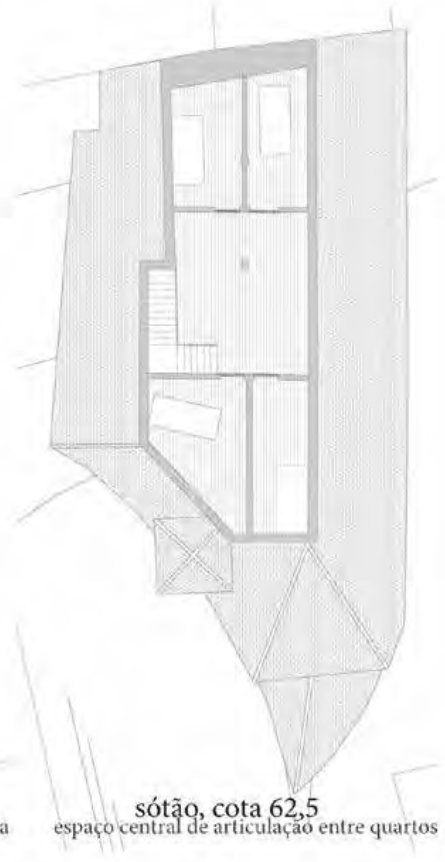
piso-térreo, entrada cota 53
sala polivalente de recepção à república



primeiro piso, cota 55,7
armários e estantes móveis entre os quartos
e cortinas para maior privacidade



segundo piso, cota 59,3
alteração da posição e disposição da cozinha



sótão, cota 62,5
espaço central de articulação entre quartos

Repúblicos da Rás-Teparta,
André Machadoⁱ, Bruno Vieiraⁱ,
Manuel Lemosⁱ,
Dominika van Eenbergenⁱⁱ,
Marlene Davidⁱⁱ, Mariana Mouraⁱⁱ,
Simão Lopesⁱⁱ,
Paulo Tormenta Pintoⁱⁱⁱ,
Vitor Mingalhoⁱⁱⁱ,
Armando Rabaçaⁱⁱ
República Rás-Teparta

i ESAP

ii DARQ

iii ISCTE

Depois de distribuídos os grupos de trabalho, o nosso, constituído por alunos da Universidade de Coimbra e da Escola Superior Artística do Porto e orientados pelos Arquitetos Armando Rabaça, Vitor Mingalho e Paulo Tormenta Pinto, efetuou novamente uma visita ao edifício pertencente à Real República Rás-Teparta. Este momento foi fundamental para um melhor entendimento do fenómeno das Repúblicas em Coimbra assim como para perceber a sua real importância e contributo para a formação de uma entidade colectiva que é reconhecível na cidade. Aprendemos prontamente a valorizar o esforço que está implícito na manutenção destas estruturas sociais; os Repúblicos são ainda hoje em grande medida responsáveis pela ligação entre a população residente da cidade e a comunidade académica.

O edifício é dividido em três pisos. Da entrada nascem alinhados dois lances de escadas de tiro, intervaladas por um momento de descanso que dá acesso ao quarto que ocupa o primeiro piso. Este percurso, leva a uma outra escada que se desenvolve em forma de U até ao ponto mais alto do edifício, onde se encontra uma claraboia que ilumina todo o vão.

No segundo piso, além de um corredor que distribui para três quartos, encontra-se a sala nobre do edifício, marcada pelas pinturas nas paredes carregadas de histórias, assim como pelo museu criado pela República. É aqui que os repúblicos e os seus convidados se reúnem, onde são feitas as refeições, as reuniões, as sessões de cinema, e quaisquer outras atividades que ali se desenvolvam.

No último piso, a tipologia de quartos repete-se, e ao fundo do corredor, em vez de uma casa de banho, como acontece no segundo piso, encontra-se a biblioteca e a zona de estudo. Aqui existem cinco quartos.

A cozinha, à qual se acede a partir do segundo piso, apresenta-se como um acrescento desqualificado, de tal modo que ocupa o logradouro juntamente com um acrescento do edifício adjacente.

Ao descobrir o piso térreo, que teria sido ocupado pelo antigo bar Califa, o nosso contributo de projeto não propriamente para o edifício, mas sim para a República tornou-se evidente.

Este espaço, com acesso direto para a rua, revelou-se como o verdadeiro potencial de modo a revitalizar a visibilidade da Real República Rás-Teparta.

O empenho do nosso grupo de trabalho focou-se no desenvolvimento de uma proposta que fosse executável e que claramente contribuísse para a melhoria da habitabilidade e funcionalidade do edifício da república, reafirmando o seu papel unificador, de preservação da memória e de projeção do futuro da cidade de Coimbra.

A proposta prevê uma nova distribuição dos usos da República, trazendo para este espaço do rés-do-chão a zona social do edifício.

Para tal, propõem-se a demolição da cozinha existente, por forma a repor a tipologia original do edifício, recuperando o pátio do piso térreo.

Os pisos que se desenvolvem em cima do piso térreo ganham um

certa privacidade. Os quartos mantêm-se, a sala nobre, de acordo com a vontade dos Repúblicos, passa a destinar-se somente às reuniões privadas da República, e todas as funções alimentares passam para a zona de intervenção, onde a cozinha e a sala de convívio se prolongam para o exterior, composto pelo pátio que surge da reabilitação do logradouro.

Do primeiro piso nasce uma escada que estabelece uma ligação interior entre a nova zona de convívio e o espaço da república pré-existente.

O resultado deste exercício projetual de curta duração foi um espaço de características lineares, reforçado pela horizontalidade de um elemento que se estende do interior do edifício para o logradouro. Este, começa por ser um balcão de cozinha, passando por ser um aparador até culminar num banco que define o perímetro da zona social exterior. Tem como objetivo criar um espaço multifuncional, que pudesse servir de palco a pequenos concertos, debates, ciclos de cinema e fundamentalmente que permitisse a realização de refeições para um número elevado de pessoas. A intervenção foi pensada para ser realizada de forma faseada, promovendo a autoconstrução de alguns componentes.

Existem claramente três áreas fundamentais, a cozinha/copa, uma área dimensionada para proporcionar a realização dos debates, a visualização de conteúdos multimédia, as refeições e ainda toda a zona do logradouro. O logradouro é fundamental no papel que pode desempenhar no realçar da importância do aproveitamento do espaço exterior privado, em particular nos centros históricos, que pela densidade de construção que lhes é característica, carecem destes pequenos pólos de descompressão.

Workshop de Projecto de Arquitectura - Repúblicas, Arquitectura, Universidade e Cidade.



Panorâmica da cidade



Panorâmica da sala de convívio

Depois de distribuídos os grupos de trabalho, o nosso, constituído por alunos da Universidade de Coimbra e da Escola Superior Artística do Porto e orientados pelos Arquitectos Armando Rabaga e Vítor Mingalho, efectuou novamente uma visita ao edifício pertencente à Real República Rás-te-partá. Este momento foi fundamental para um melhor entendimento do fenómeno das Repúblicas em Coimbra assim como para perceber a sua real importância e contributo para a formação de uma entidade colectiva que é reconhecível na cidade. Aprendemos prontamente a valorizar o esforço que está implícito na manutenção destas estruturas sociais. Os Repúblicas são ainda hoje em grande medida responsáveis pela ligação entre a população residente da cidade e a comunidade académica.

O edifício é dividido em três pisos. Da entrada nascem alinhados dois lances de escadas de tiro, interrompidas por um momento de descanso que dá acesso ao quarto que ocupa o primeiro piso. Este percurso, leva a uma outra escada que se desenvolve em forma de U até ao ponto mais alto do edifício, onde se encontra uma claraboia que ilumina todo o vóo. No segundo piso, além de um corredor que distribui para três quartos, encontra-se a sala nobre do edifício, marcada pelas pinturas nas paredes carregadas de histórias, assim como pelo museu criado pela República. É aqui que os repúblicas e os seus convidados se reúnem, onde são feitas as refeições, as reuniões, as sessões de cinema, e quaisquer outras atividades que ali se desenvolvam. No último piso, a tipologia de quartos repete-se, e ao fundo do corredor, em vez de uma casa de banho, como acontece no segundo piso, encontra-se a biblioteca e a zona de estudo. Aqui existem cinco quartos.



Fotografia da fachada



Fotografia das escadas



Fotografia do logradouro

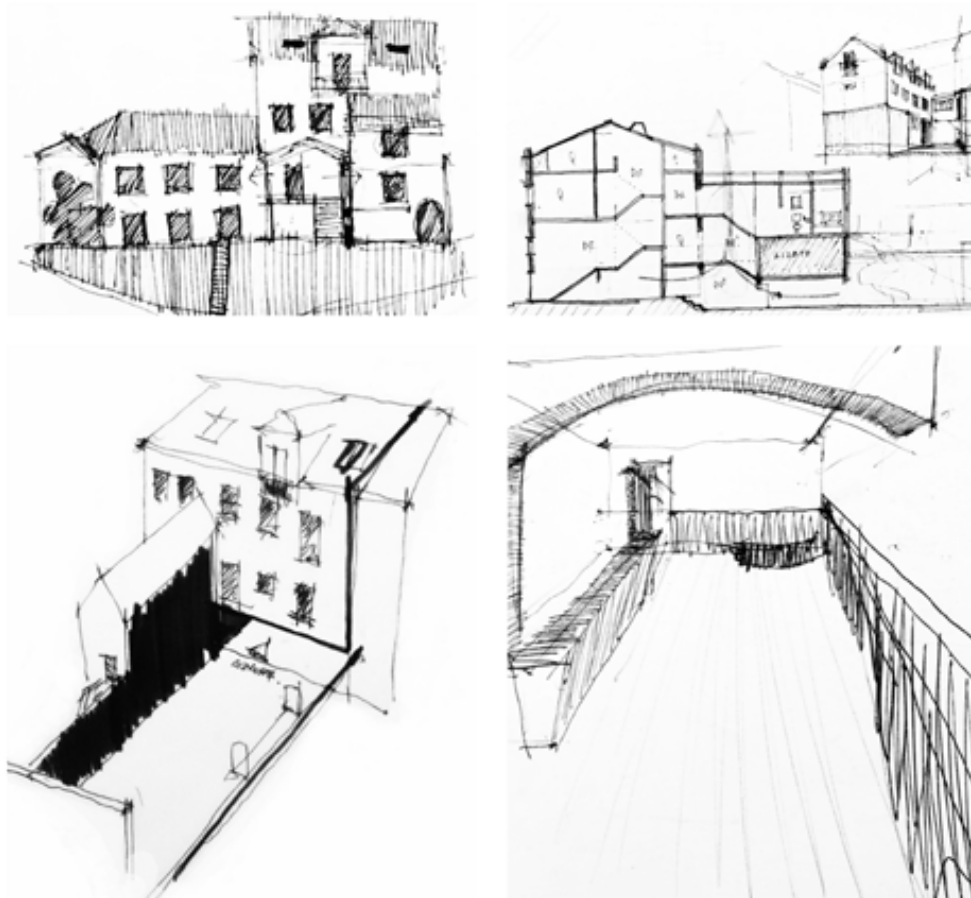


Fotografia do Café

PROPOSTA REAL REPÚBLICA RÁS-TE-PARTA

P1

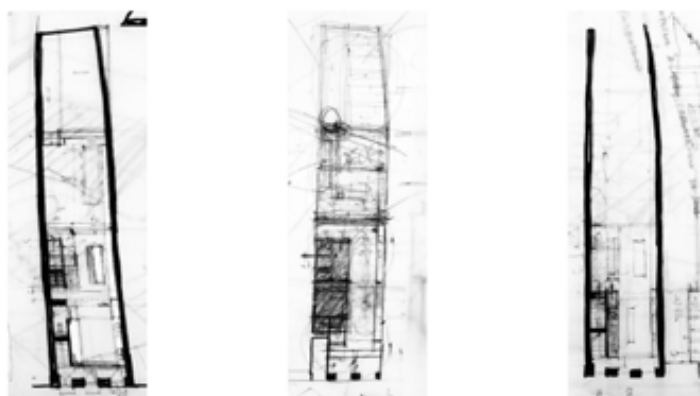
Workshop de Projecto de Arquitectura - Repúblicas, Arquitectura, Universidade e Cidade.



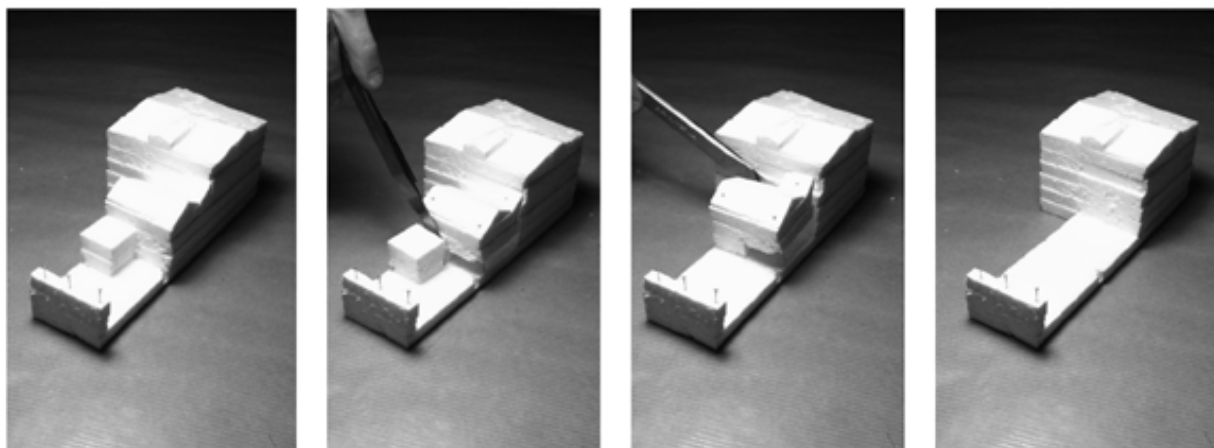
Fotografias do processo

A cozinha, à qual se acede a partir do segundo piso, apresenta-se como um acrescento desqualificado, de tal modo que ocupa o logradouro juntamente com um acrescento do edifício adjacente. Ao descobrir o piso térreo, que teria sido ocupado pelo bar *Califa*, o nosso contributo de projeto não propriamente para o edifício, mas sim para a República tornou-se evidente. Este espaço, com acesso direto para a rua, revelou-se como o verdadeiro potencial de modo a revitalizar a visibilidade da Real República Rás-Te-Parta.

O empenho do nosso grupo de trabalho focou-se no desenvolvimento de uma proposta que fosse exequível e que claramente contribuisse para a melhoria da habitabilidade e funcionalidade do edifício da república, reafirmando o seu papel unificador, de preservação da memória e de projeção do futuro da cidade de Coimbra.



Workshop de Projecto de Arquitectura - Repúblicas, Arquitectura, Universidade e Cidade.



Fotografias da Maquete - Faseamento do Projecto

A proposta prevê uma nova distribuição dos usos da República, trazendo para este espaço do rés-do-chão a zona social do edifício.

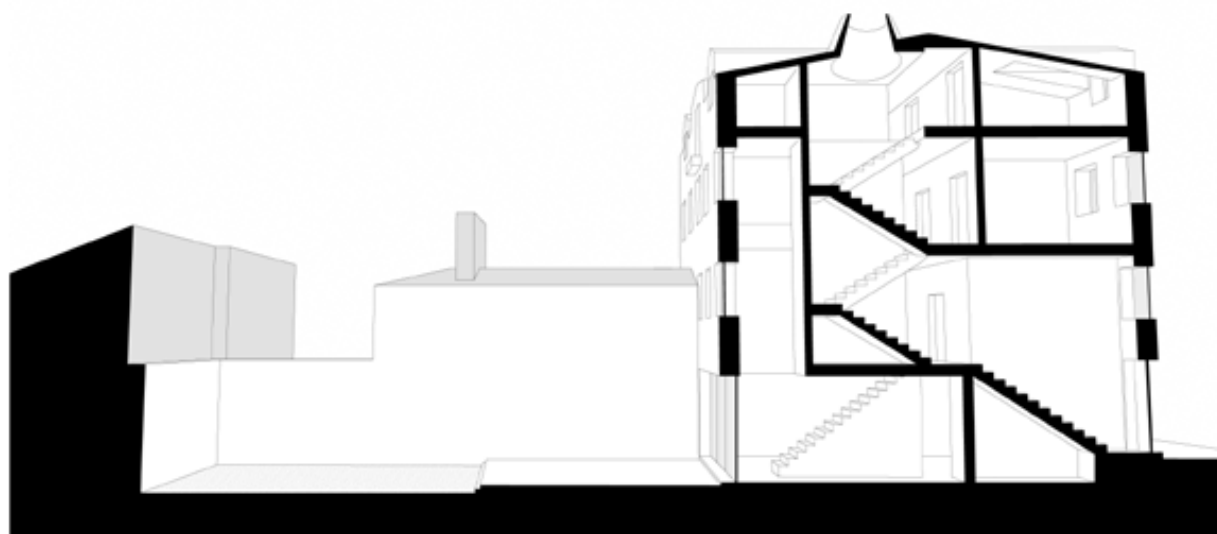
Para tal, propõem-se a demolição da cozinha existente, por forma a repor a tipologia original do edifício, recuperando o pátio do piso térreo.

Os pisos que se desenvolvem em cima do piso térreo ganham um certa privacidade. Os quartos mantêm-se, a sala nobre, de acordo com a vontade dos Repúblicos, passa a destinar-se somente às reuniões privadas da República, e todas as funções alimentares passam para a zona de intervenção, onde a cozinha e a sala de convívio se prolongam para o exterior, composto pelo pátio que surge da reabilitação do logradouro.

Do primeiro piso nasce uma escada que estabelece uma ligação interior entre a nova zona de convívio e o espaço da república pré-existente.

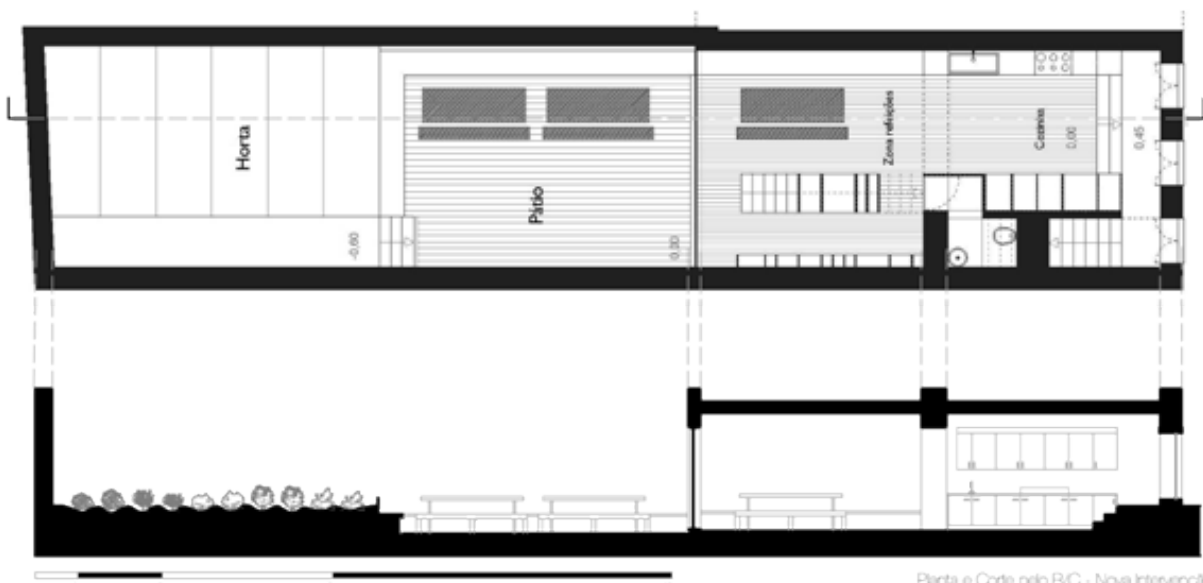
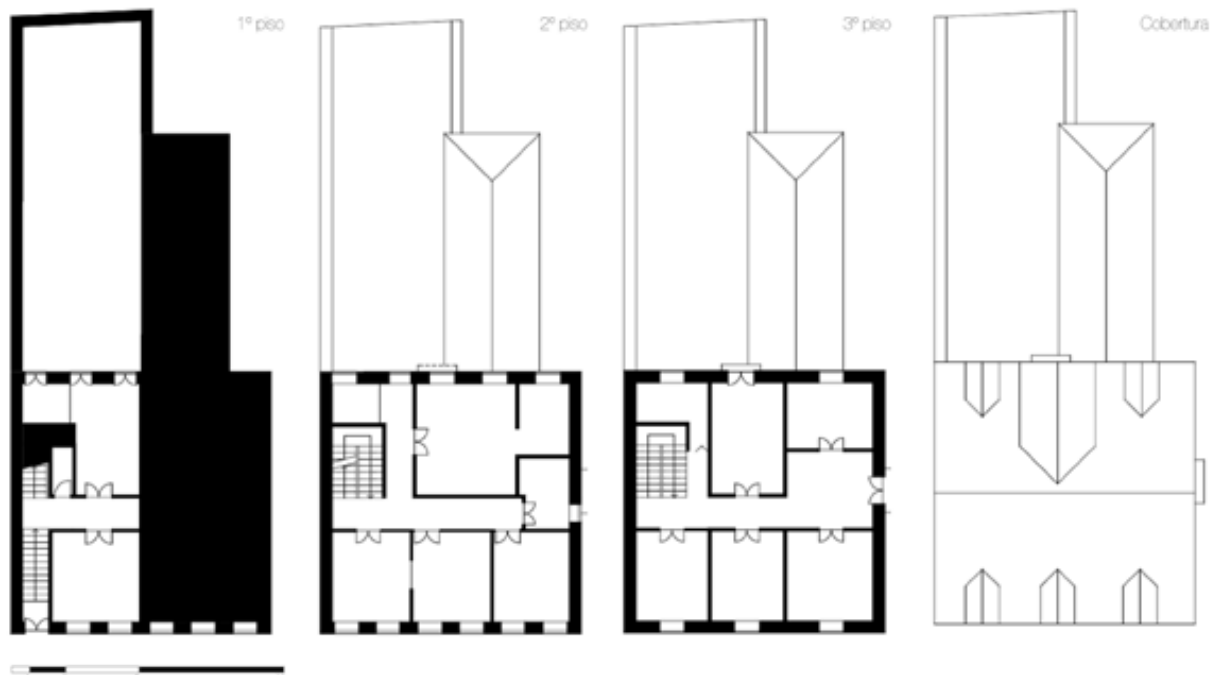


Perspectiva do Conjunto com nova intervenção



PROPOSTA REAL REPÚBLICA RÁS-TE-PARTA

P3



Planta e Corte pelo R/C - Nova Intervenção

O resultado deste exercício projetual de curta duração foi um espaço de características lineares, reforçado pela horizontalidade de um elemento que se estende do interior do edifício para o logradouro. Este, começa por ser um balcão de cozinha, passando por ser um aparador até culminar num banco que define o perímetro da zona social exterior. Tem como objetivo criar um espaço multifuncional, que pudesse servir de palco a pequenos concertos, debates, ciclos de cinema e fundamentalmente que permitisse a realização de refeições para um número elevado de pessoas. A intervenção foi pensada para ser realizada de forma faseada, promovendo a autoconstrução de alguns componentes.

Existem claramente três áreas fundamentais, a cozinha/copa, uma área dimensionada para proporcionar a realização dos debates, a visualização de conteúdos multimédia, as refeições e ainda toda a zona do logradouro. O logradouro é fundamental no papel que pode desempenhar no realçar da importância do aproveitamento do espaço exterior privado, em particular nos centros históricos, que pela densidade de construção que lhes é característica, carecem destes pequenos pólos de decompressão.

- **Encontros de Tomar, 1997**
- **A Alta de Volta, 1997**
- **Leonardo Express (co-edição IEI-FLUC), 2004**
- **Actas do Seminário Internacional 'Cidade Sofia', 2005**



DEBAIXO DE TELHA

- | | | | |
|--------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Série A, nº1 | Leslie Martin e a Escola de Cambridge,
Mário Krüger, 2005 | Série B, nº6 | Santa Cruz e a Rua da Sofia,
Rui Lobo, 2005 |
| Série A, nº2 | Textos Dados,
Alexandre Alves Costa, 2007 | Série B, nº7 | Apontamentos sobre a Prática Construtiva
com o Ferro nos Séculos XVIII e XIX,
António Bettencourt, 2007 |
| Série B, nº1 | Perspectivas: O Espelho Maior ou o Espaço
do Espanto,
Vitor Murtinho, 2000 | Série B, nº8 | Arquitectura e Instrução: O Projecto do Liceu
Moderno, 1836-1936,
Gonçalo Canto Moniz, 2007 |
| Série B, nº2 | A Cabana do Higienista.
Paulo Providência, 2000 | Série B, nº9 | A arquitectura do quotidiano
Nelson Mota |
| Série B, nº3 | Ser ou Não Ser Moderna: Considerações
sobre a Arquitectura Modernista em Portugal,
José Fernando Gonçalves, 2002 | Série B, nº10 | Entre o Corpo e a paisagem
Armando Rabaça |
| Série B, nº4 | O Verdadeiro Mapa do Universo,
Nuno Grande, 2002 | Série C, nº1 | Os Colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo.
A Evolução e Transformação do Espaço Urbano,
Rui Pedro Lobo, 1999 |
| Série B, nº5 | Escola do Porto: Um Mapa Crítico,
Jorge Figueira, 2002 | | |



EM CIMA DO JOELHO, SÉRIE I

- | | | | |
|----------|--------------------------------------------------------------------|---------|-------------------------------------------------------------------|
| ECDJ 1 | A polémica do Freixo, Fernando Távora , Outubro 1999 | ECDJ 8 | Concurso Público de Ideias para a Rua da Sofia , Maio 2004 |
| ECDJ 2 | 10 Anos de Arquitectura no Colégio das Artes , Março 2000 | ECDJ 9 | Planos , Setembro 2005 |
| ECDJ 3 | Novos Mapas para Velhas Cidades , Outubro 2000 | ECDJ 10 | Reabilitação Urbana – Mindelo , Março 2007 |
| ECDJ 4 | Coimbra, Um Novo Mapa , Maio 2001 | ECDJ 11 | Construir (na) Memória , Abril 2008 |
| ECDJ 5 | Investigação em Arquitectura , Dezembro 2001 | ECDJ 12 | Ressurreição: Santa Clara-a-Velha , Outubro 2009 |
| ECDJ 6,7 | Inserções, Seminário Internacional de Desenho Urbano , 2004 | | |

EM CIMA DO JOELHO, SÉRIE II

- | | | | |
|------------|--------------------------------------------------------------------|------------|---------------------------------------------------------|
| JOELHO #01 | Mulheres na Arquitectura , Março 2010 | JOELHO #05 | Digital Alberti: Tradition and Innovation , 2014 |
| JOELHO #02 | Intersecções: Antropologia e Arquitectura , Abril 2011 | | |
| JOELHO #03 | Viagem-Memória: Aprendizagens de Arquitectura , Abril, 2012 | | |
| JOELHO #04 | Ensinar pelo Projecto/Teaching through Design , Abril, 2013 | | |

